

UM ENSAIO SOBRE A ESCOLA DE FRANKFURT E O POSITIVISMO

DOUGLAS WELLINSON SECCO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)

ZERO DALMASO CARMONA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecimentos à CAPES, à CNPq e ao Programa de Pós-Graduação-UEL

UM ENSAIO SOBRE A ESCOLA DE FRANKFURT E O POSITIVISMO

INTRODUÇÃO

A Teoria Crítica (TC) e a Escola de Frankfurt desempenham um papel fundamental na compreensão e análise das dinâmicas sociais, culturais e políticas da sociedade contemporânea. Originada na década de 1920, a Escola de Frankfurt, por meio de pensadores como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas, propôs uma abordagem interdisciplinar que combina filosofia, sociologia, economia e psicanálise para criticar as estruturas de poder e dominação.

A Teoria Crítica e a Escola de Frankfurt obtiveram um grande destaque nos estudos de gestão e organizações entre 1970 e 1990, mas se encontram atualmente em poucos estudos, fazendo com que seu grande potencial seja sub explorado. (Granter, 2014; Scherer, 2009; Faria, 2007).

A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt é parte da tradição iluminista, enquanto utiliza o pensamento marxista, e se volta à dialética hegeliana. O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, mais conhecido como Escola de Frankfurt, realizava análises multidisciplinares para revisitar as contradições da sociedade capitalista, e seus principais estudos se concentravam na percepção sobre a estrutura social, alienação do trabalhador, ideologia e dominação, cultura e cotidiano (Granter, 2014).

A preocupação básica da Teoria Crítica (TC) é a análise das condições sociais, de modo a criticar os usos abusivos e injustificados de poder (exploração, repressão, controle social, etc.) e busca pela emancipação do indivíduo. Através da compreensão da vida nas organizações e suas dinâmicas, busca-se responder às questões que afetam a vida cotidiana dos sujeitos e a valorização do sujeito coletivo (Granter, 2014; Scherer, 2009; Faria, 2007). A TC se propõe a questionar as verdades, o senso comum, a moral dominante, as práticas sociais e as relações de poder, em busca da emancipação dos sujeitos e do incentivo à coletividade (Faria, 2007).

Segundo Faria (2007), criticar o real é questionar as ações sociais quanto a sua validade e resultados, é refletir a respeito dos atos dos sujeitos a favor do interesse de determinados grupos na estruturação do poder. Sendo assim, a TC não se preocupa apenas com a economia, mas também com o poder, tornando-se assim uma Economia Política do Poder. A posse dos meios de produção pertence a uma minoria que visa o lucro e o poder social, encobertos pelo véu da lei econômica, do mercado e do lucro. Sendo assim, a TC não se preocupa apenas com a economia, mas também com o poder, tornando-se assim uma Economia Política do Poder (Granter, 2014; Scherer, 2009; Faria, 2007).

Este ensaio teórico visa em um primeiro momento explorar a evolução da Teoria Crítica, destacando as contribuições centrais dos membros da primeira e segunda geração da Escola de Frankfurt e sua relevância contínua na análise das complexidades sociais modernas. Através da revisão das principais ideias e conceitos desenvolvidos por esses pensadores, busca-se entender como suas teorias podem ser aplicadas para abordar os desafios contemporâneos, como a globalização, a digitalização e a persistência das desigualdades sociais, na busca pela emancipação do indivíduo.

Em um segundo momento, utilizamos a teoria crítica como uma forma de análise sobre o positivismo. Segundo Crotty (1998), o positivismo busca mediante rigorosos métodos quantitativos, de observação e de experimentação verificáveis obter conhecimento sobre o mundo. Sua base era estabelecer leis universais, objetivas e mensuráveis. Os cálculos matemáticos precisavam compreender as leis sem margem para interpretações, as experiências e observações deveriam ser possíveis de replicabilidade por qualquer pessoa em qualquer lugar e teriam sempre o mesmo resultado.

Não pretendemos de maneira alguma ignorar a importância que o positivismo tem no pensamento científico, nem toda a sua importância para o desenvolvimento da ciência e da história da humanidade. Mas se faz necessário reconhecer as limitações dessa teoria para que se possa continuar incentivando e produzindo outras formas de investigação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Teoria Crítica

Faria (2009), esclarece sobre os estudos críticos organizacionais e auxilia na identificação de suas 4 áreas: Teoria Crítica Frankfurtiana (TC), Teoria Crítica em Estudos Organizacionais (TCEO), Critical Management Studies (CMS) e Análise Crítica em Estudos Organizacionais (ACEO).

A Teoria Crítica Frankfurtiana (TC) tem seus estudos baseados nas ideias, estudos sociais e orientações filosóficas e teóricas da Escola de Frankfurt e possui 3 gerações com pensadores importantes e com estudos diferentes; A Teoria Crítica em Estudos Organizacionais (TCEO) além de utilizar o marxismo e as análises frankfurtianas, baseia-se no materialismo histórico e na dialética em seus estudos críticos que tem como foco o trabalho e a Economia Política do Poder; A Critical Management Studies (CMS) é desvinculada do marxismo e das teorias da TC e da TCEO, utiliza-se de perspectivas da gestão para seus estudos críticos; e a Análise Crítica em Estudos Organizacionais (ACEO): são estudos vinculados ao pós-estruturalismo, pós-modernismo, teoria da complexidade, análises institucionais, entre outras ideias, utilizando-se da ótica das relações de poder em seus estudos.

O princípio fundamental da Teoria Crítica é a orientação para a emancipação como superação da dominação. Usa predominantemente a pesquisa qualitativa partindo do princípio de que as pessoas agem em função de suas crenças, valores, percepções e sentimentos. Inclui a subjetividade como parte da construção de significados.

A TC se baseia em uma ontologia crítico-realista, que aspira despertar a consciência dos sujeitos para transformar o mundo, partindo de uma consciência “verdadeira”, utilizando uma abordagem dialógica transformadora, com a finalidade de aumentar o nível de consciência dos sujeitos com vistas à transformação social, pois “fundamenta suas investigações na busca incessante das contradições sociais, ao procurar identificá-las nas ações dos sujeitos individuais e coletivos em processos e relações sócio-históricas” (Faria, 2007, p.39).

Segundo Nobre (2004), a TC não se limita a entender e explicar a sociedade, mas visa promover a emancipação humana, destacando as diferenças em relação ao positivismo e ao marxismo. Ao reconhecer que todo conhecimento é estruturado por contextos históricos e sociais, que devem ser utilizados para fomentar mudanças sociais, os teóricos da Escola de Frankfurt criticam o determinismo econômico e defendem a transformação social com fundamentos na ação consciente e crítica dos indivíduos:

A Teoria Crítica aspira expressar a emancipação dos indivíduos e promover a conscientização crescente da necessidade de uma sociedade no qual os interesses coletivos prevaleçam sobre os individuais, em que os indivíduos sejam sujeitos de sua própria história, escrevendo-a coletivamente. Tratar criticamente o real é questionar se as ações sociais não são meras atitudes remediadoras, é indagar sobre os atos dos sujeitos que procuram atender a interesses de grupos específicos na estruturação do poder. Assim, é condição essencial para construir uma sociedade detentora da sua própria história, consciente das suas responsabilidades e das suas atribuições coletivas (Faria, 2007, p. 40).

A formação da TC estimula a democracia e a investigação sobre o estruturalismo das organizações, para questionar as estruturas de poder da sociedade, para fortalecer as ações

sociais em conciliação com os valores individuais, visando uma perspectiva de que os sujeitos inseridos na sociedade consigam se realizar no particular de acordo com os universais normativos estabelecidos. A TC não abdica da ideia de conhecer as coisas como elas são e nem de como as coisas deveriam ser (Nobre, 2004), realizando uma distinção entre teoria e prática, questionando o sentido de ambos, sendo um sentido fundamental da crítica de que não é possível demonstrar como as coisas são de outro modo a não ser numa perspectiva de como deveria ser, no sentido de ter um ponto de vista que seja capaz de analisar todos os obstáculos que devem ser superados, para que novas tendências mais adequadas, para minimizar a desigualdade na sociedade, para que possam se realizar no presente além das perspectivas de melhora no futuro.

A TC vai em sentido contrário à racionalidade instrumental e positivista, que tende a estabelecer a dominação e a manutenção das relações de poder na ordem e regulação dos grupos dominados, por meio da alienação mecanicista na sociedade. A racionalidade instrumental é utilizada pelos grupos dominados, por isso acaba emergindo uma crítica a partir de uma investigação científica e revisionista das ideias socialistas, propondo uma reflexão emancipatória voltada para a autonomia do sujeito, e contrárias às ideias do ser humano unidimensional. A TC opõe-se à razão instrumental, já que esta privilegia os meios em detrimento dos fins e ajuda os grupos dominantes a alcançarem seus fins egoístas de forma invisível, por meio da alienação dos grupos dominados, pois “o utilitarismo e a racionalidade instrumental assumem o papel de mediadores não apenas do pensamento e da elaboração teórica, mas, principalmente, das relações sociais” (Faria, 2007, p. 39).

Podemos identificar que a TC é uma tentativa de decifrar os modelos que são propostos pelos vários autores críticos da Escola de Frankfurt, com a pluralidade de modelos no campo e o seu amplo sentido, assim como no sentido restrito daqueles que fundamentam suas ideias nas formulações de Max Horkheimer, analisando os campos teóricos que são demarcados através do conhecimento e da realidade social, e o sentido que devemos atribuir a esses princípios, sendo que levar a TC adiante é dar sequência na construção da história do pensamento e estabelecer novas perspectivas para análises dos campos teóricos e fundamentação das críticas realizadas às teorias tradicionais.

O problema central existente nas teorias críticas é esclarecer as instâncias ocultas que ocorrem nas relações sociais subjetivas e no inconsciente individual do ambiente organizacional, configurando o poder das organizações e suas estruturas (Faria, 2007). Dessa forma, a crítica é considerada a partir de uma concepção destrutiva da organização, com propósito de desqualificar e combater as relações de poder existentes, sendo necessário uma interpretação da diferença entre os estudos críticos e a TC

Há uma nítida diferença entre estudos críticos e Teoria Crítica. Estudos críticos são aqueles que rompem com a tradição gerencialista, afirmando novos modos de interpretação da realidade, incluindo novos elementos nas análises, recusando o pragmatismo como finalidade e os métodos quantitativos como os únicos com caráter científico. Teoria Crítica é uma escola de pensamento derivada do marxismo, também conhecida como marxismo ocidental, com um corpo conceitual definido (e suas divergências internas), com suas linhas de investigação, que também realiza estudos críticos (Faria, 2007, p. 31).

A TC não é um adjetivo para caracterizar pesquisadores que não se conformam com a sociedade, por isso na Escola de Frankfurt foi investido contra as tradições e o estruturalismo do nazismo e o totalitarismo que perseguiram seus membros, sendo que suas características principais são fundamentadas em critérios para análise social e de estudos críticos sobre as relações existentes com as normativas vigentes. É necessário compreender (Faria, 2007) a

diferença estudos críticos e a teoria crítica, portanto os estudos são aqueles que rompem as tradições e propondo novos modos de interpretação da realidade, enquanto a teoria é uma escola de pensamento derivada do marxismo, com um corpo conceitual que também realiza alguns estudos críticos.

Escola de Frankfurt

A Escola de Frankfurt continua influente nas ciências sociais e humanas, oferecendo uma abordagem crítica para entender e transformar as dinâmicas sociais contemporâneas, especialmente no contexto da globalização e das desigualdades sociais persistentes, oferece ferramentas úteis para a análise crítica das estruturas de poder e na busca de uma sociedade mais justa e racional, para compreender as complexidades e contribuições duradouras de uma das correntes mais influentes do pensamento social e filosófico do século XX. Após a primeira guerra mundial, surge a necessidade de analisar e criticar as estruturas econômicas e sociais estabelecidas na sociedade, para evitar novas barbáries como as que foram observadas durante a guerra e promover a emancipação humana e a justiça social

Dessa forma, especialmente no âmbito das perspectivas críticas, a busca pelas verdades sociais ocultas pelas relações de poder e dominação estabelecidas, geram interpretações dos teóricos marxistas, neomarxistas e de seus pares da Escola de Frankfurt, que tem um valor significativo, particularmente no conjunto de estudos na sociedade capitalista e tradições modernistas. Assim, a Teoria Crítica surge na escola de Frankfurt com análises críticas sobre o cenário na sociedade da época, a partir dos ideais marxistas de emancipação, buscando teorizar as críticas realizadas as estruturas sociais e as relações de poder existentes na sociedade, que propõem a normatização para os indivíduos e inibem o pensamento crítico particular considerando as necessidades universais.

Na verdade, quando se trata de revisões sobre o movimento de Frankfurt, não há uma visão consensual ou mesmo alguém que detenha uma interpretação definitiva do que representa a essência dessa escola de pensamento. Desse modo, aceitar que existem diferentes visões – e interpretações – sobre esse movimento intelectual significa aceitar a proposta de construção de um pensamento crítico, não centrado nas amarras de um essencialismo comum ao pensamento único e auto e rígido de uma teoria tradicional em Ciência Sociais que, como bem asseverou o próprio Horkheimer (1975), assume uma falsa pretensão de buscar a verdade absoluta dos fatos sociais (Lara; Vizeu, 2019, p. 6).

A Escola de Frankfurt e sua teoria crítica pode dizer respeito a 3 gerações distintas de pensadores. A primeira, sucessora dos pensamentos de Marx é formada por teóricos como: Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin, Pollock, Bloch e Fromm. A segunda, tem como principal teórico Habermas, que se distancia do marxismo e cria sua Teoria da Ação Comunicativa (TAC); e a terceira, guiada por Axel Honneth na busca pelo reconhecimento na crítica hegeliana e habermasiana (Faria, 2009).

A TC teve início a partir de um ensaio-manifesto publicado por Max Horkheimer em 1937, intitulado “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, que teve influências marxistas e da experiência russa de socialismo, dando ênfase as subjetividades, como uma crítica à teoria tradicional e o vínculo entre o conhecimento racional e a dominação, que ficou claro na segunda guerra mundial todos os seus efeitos políticos, econômicos e sociais, além do enfraquecimento dos ideais modernos de emancipação social, em um período onde progrediu a alienação e insensibilidade em relação a dor do outro. A Escola de Frankfurt, assim como a TC contrapõe-se a racionalidade instrumental que contribui com os grupos dominantes a alcançarem seus fins de dominação de maneira imperceptível, por meio da alienação dos grupos dominados,

entretanto considera que a “teoria equivale a uma sinopse de proposições de um campo especializado, ligadas de tal modo entre si que se poderiam deduzir de algumas dessas teorias todas as demais” (Horkheimer, 1980, p. 117).

Nobre (2004) contextualiza a TC nas tradições filosóficas e sociológicas da Escola de Frankfurt, explorando como os teóricos dessa linha de pensamento criticaram a racionalidade instrumental da sociedade capitalista moderna, questionando a alienação, a reificação e a dominação cultural existentes, detalhando as fases desde as origens marxistas até as influências da psicanálise e da filosofia existencialista. A TC e o pensamento crítico aplicado nas estruturas da sociedade e formulado na Escola de Frankfurt, havia sido instigado desde Descartes e Newton que já criticavam os métodos utilizados para a busca pelo conhecimento utilizados pelos gregos e romanos, considerados ultrapassados para a época.

Faria (2009) considera que a teoria crítica frankfurtiana tem fundamentos em estudos sociais e segue as orientações teóricas e filosóficas da Escola de Frankfurt de qualquer das gerações, enquanto a teoria crítica em estudos organizacionais tem fundamentos no marxismo, os processos e relações de trabalho em seus estudos e pesquisas no campo das organizações, assim como os estudos frankfurtianos e psicossociologia crítica.

Horkheimer criticou o uso do mesmo método das ciências naturais para as ciências humanas, já que as relações sociais são produto da ação humana e uma desnaturalização da realidade. Adorno e Horkheimer, em "Dialética do Esclarecimento" (1947), criticaram a sociedade ocidental contemporânea e seu culto à técnica e à racionalidade científica, que em vez de libertar os homens, passou a controlá-los e dominá-los. Para Adorno, a indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes e capazes de julgar e decidir conscientemente.

A TC é considerada como uma abordagem que articula uma crítica à teoria das organizações, mesmo com suas relações epistemológicas, por isso os pensadores também almejavam uma sociedade que fosse crítica e dialética em sua totalidade, causando contradições na sociedade capitalista (Faria, 2009), pois o que constituía a TC não era apenas uma teoria da economia, mas uma teoria política do poder em estudos organizacionais, constituindo racionalidades e subjetividades nas organizações, criticando o uso do mesmo método das ciências naturais para as ciências humanas, já que as relações sociais, são em si, produto da ação humana e uma desnaturalização da realidade.

A indústria cultural e a mercantilização das relações humanas descritos por Adorno e Horkheimer são criticados na obra "Dialética do Esclarecimento", formulando uma crítica à sociedade ocidental contemporânea que impede a formação de indivíduos autônomos, inaugurando o conceito de indústria cultural, argumentando que esta não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas determina o próprio consumo.

Para Adorno e Horkheimer (Ramos, 2017), o vínculo entre conhecimento racional e dominação ficou claro com a segunda guerra mundial, onde foi possível observar a falência dos ideais modernos de emancipação social. Por isso, criticam a sociedade ocidental contemporânea e seu culto à técnica e à racionalidade científica, que em vez de libertar os homens passou a controlá-los e dominá-los. Extingue-se o pensamento autônomo e reforça-se a uniformidade e a unanimidade da sociedade. O conhecimento imparcial e neutro forja a indiferença naturalizando a realidade, o abismo entre os avanços do conhecimento prático e o fracasso da iluminação moral e dos valores humanistas.

Toda a crítica de Adorno expressa a preocupação do paradigma dialético, ou seja, a preocupação em identificar limitações e armadilhas da razão iluminista, as contradições da modernidade, do uso da razão instrumental, bem como a necessidade de retomar a razão emancipatória e pensar criticamente o presente, trazendo conteúdos

propositivos para melhores condições futuras, e buscar os potenciais de transformação que foram reprimidos no passado, e que, portanto, não poderiam ser revelados por uma teoria totalizante. (Ramos, 2017, p. 82)

As limitações da razão iluminista vão em sentido contrário à racionalidade instrumental, pois o vazio de sentido foi preenchido pelos valores de mercado, o cidadão foi reduzido a consumidor e perde a capacidade de reflexão sobre suas ações e sobre a ideia de justiça, na sociedade substitui-se a formação humanista pela educação técnica para o mercado voltado para a competição, o lucro, no qual a razão se vê reduzida a uma capacidade de adaptação a fins previamente dados, e “se a teoria crítica se restringisse essencialmente a formular respectivamente sentimentos e representações próprias de uma classe, não mostraria diferença estrutural em relação à ciência especializada” (Horkheimer, 1980, p. 135).

Para Adorno e Horkheimer (Nobre, 2004), o desenvolvimento de uma aristocracia operária e a melhoria das condições de vida em países de capitalismo avançado acabam confrontando-se com a previsão de Marx de avanços da precariedade, por isso a indústria cultural não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas determina o próprio consumo, conceituando a indústria cultural em substituição a cultura de massa, pois esta vem atender aos interesses dos detentores do capital e não das massas, e “impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente” (Nobre, 2004, p. 49), a incorporação das massas no sistema e o seu bloqueio restringem a emancipação.

Herbert Marcuse influenciou o pensamento crítico com suas análises sobre a sociedade unidimensional, onde o indivíduo é absorvido pelas forças de controle social, perdendo sua capacidade crítica e de resistência, sendo um dos membros da Escola de Frankfurt que desempenhou um papel crucial na evolução da TC. Sua obra conecta profundamente as ideias centrais da TC, que busca a emancipação humana e a transformação social, com suas próprias análises da sociedade industrial avançada, ampliando o pensamento ao incorporar conceitos da psicanálise freudiana, argumentando que a repressão sexual está intrinsecamente ligada à repressão social e política. Em relação a sua crítica ao conformismo na sociedade capitalista, que é central para a TC, Marcuse argumentou que a sociedade industrial avançada cria um conformismo passivo, onde a tecnologia e a cultura de consumo servem para manter a dominação e impedir a consciência crítica (Lara; Vizeu, 2019)

Demonstrou como a racionalidade instrumental, um conceito criticado por outros teóricos de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer, contribui para a manutenção das estruturas de poder, ao invés de promover a liberdade humana, sendo a TC radical de modo “que pretende ir à raiz dos problemas, de que não se satisfaz com o que é dado pelas constatações resultantes das pesquisas, de que não lhe basta compreender a forma sem o conteúdo e a aparência sem a essência (Faria, 2007).

Segundo Ramos (2017), Marcuse também acreditava no potencial revolucionário dos movimentos sociais, especialmente os movimentos estudantis dos anos 1960. Ele via esses movimentos como novos agentes de mudança, capazes de desafiar a ordem estabelecida e promover a emancipação social. Esta visão ampliou a TC, ao reconhecer a importância das lutas sociais fora do tradicional proletariado marxista, não apenas aprofundando a TC com suas análises inovadoras da sociedade e da repressão, mas também expandiu seu alcance, mostrando como a libertação humana poderia ser alcançada mediante uma transformação radical das estruturas sociais e culturais, sendo uma referência fundamental para entender e aplicar os princípios da Teoria Crítica na análise das dinâmicas sociais contemporâneas,

visto que no capitalismo avançado predomina a racionalidade instrumental, que trata de meios adequados para atingir fins desejáveis, Habermas recorre ao

conceito de racionalidade de Weber, a ação racional-com-respeito-a-fins, concordando com a tese de Marcuse (1998) sobre a racionalidade técnica não revelar seu conteúdo político (Ramos, 2017, p. 90).

A racionalidade instrumental é utilizada como ferramenta política para alcançar seus objetivos, e a racionalidade técnica de Marcuse é a prática desta racionalidade com uma finalidade oculta, imperceptível de identificação pelos grupos sociais pertencentes a sociedade, de modo que as ações sociais são determinadas e os indivíduos permaneçam sem alternativas para sua existência. Dessa forma, a Escola de Frankfurt contribui para identificação e crítica a estas estruturas sociais dominantes, como novas perspectivas de ações sociais em que os indivíduos estejam inseridos no capitalismo e sejam conscientes de sua própria verdade, enquanto os estudos críticos aprofundam o conhecimento sobre as relações que existem entre a sociedade e o indivíduo, e como essa estrutura deve ser analisada e criticada.

A influência da TC e a Escola de Frankfurt se estende para uma análise crítica das organizações, conforme Calás e Smircich (2014) nas práticas e estruturas organizacionais que são influenciadas e fortalecidas por ideologias de gênero, argumentando que a integração das perspectivas colaboram para um entendimento das dinâmicas de poder e buscam minimizar a desigualdade nas organizações, além de sugerir que a TC contribui para novas formas de repensar e reestruturar as organizações para oferecer uma equidade de gênero e uma justiça social.

É necessário ressaltar a importância da luta pela emancipação social por meio da TC formulada na Escola de Frankfurt, que refletem nas lutas por igualdade e ocupação dos espaços antes reservados apenas a determinados grupos sociais, principalmente nos quesitos de produção de conhecimento e teorias, além de influenciar nas tendências pós-estruturalistas, e “ para Adorno, as ausências de questionamento sobre as próprias bases do pensamento, sobre sua origem e a postura que desvincula objeto e o todo social e político, faz da ciência a razão instrumental a serviço de interesses de dominação” (Ramos, 2017, p. 82).

Essa nova corrente intelectual contribuiu para os estudos organizacionais em avaliar sua perspectiva de continuar a desenvolver contribuições, sendo que há poucos estudos organizacionais como domínio disciplinar na natureza de gênero, pois realizam uma apropriação seletiva da TC contemporânea, realizando uma divisão da primeira e da segunda onda na teoria social contemporânea, para argumentação e compreensão dessas tendências para o futuro dos estudos organizacionais como teoria e prática. As análises críticas das formas como a vida social e organizada são necessárias para demonstrar esclarecimentos sobre o que constitui a teoria social, que é uma dinâmica sujeita a reprodução com novos movimentos interpretativos, novas formas de análise social na tentativa de entender a formação da vida social moderna (Calás; Smircich, 2014)

Jürgen Habermas foi influenciado pela TC na definição da comunicação estratégica e sobre a teoria da ação comunicativa, que propõe uma forma de racionalidade voltada para o entendimento mútuo e o consenso democrático, pois “o esforço de Habermas registra sua preocupação com a percepção científica da totalidade. Uma questão já presente em Adorno” (Ramos, 2017, p. 85). Habermas procurou superar o pessimismo dos fundadores da Escola de Frankfurt quanto às possibilidades de realização do projeto moderno, tal como formulado pelos iluministas com sua teoria da ação comunicativa, propôs uma forma de racionalidade voltada para o entendimento mútuo e o consenso democrático. Ele procurou superar o pessimismo dos fundadores da Escola de Frankfurt quanto às possibilidades de realização do projeto moderno, tal como formulado pelos iluministas, entretanto não elabora soluções efetivas para os males teóricos e sociais que critica a escassez de estudos empíricos, e pode substituir uma forma de dominação por outra.

DISCUSSÃO

A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, com seu foco na emancipação e na análise das estruturas de poder, acaba fundamentando uma base teórica para a compreensão das dinâmicas organizacionais e das relações de trabalho. A aplicação dessa teoria em estudos de gestão e organizações permite questionar e criticar as práticas gerenciais tradicionais, revelando as contradições e as formas de dominação organizacional presentes na sociedade, pois a TC formada na Escola de Frankfurt realiza críticas às organizações. Os estudiosos da Escola de Frankfurt, como Horkheimer, Adorno e Marcuse, criticaram a racionalidade instrumental que permeia as organizações modernas. Essa racionalidade instrumental, focada na eficiência e na maximização do lucro, tende a desumanizar os trabalhadores, tratando-os como meros recursos a serem explorados. A TC busca desafiar essa visão, enfatizando a importância de reconhecer os trabalhadores como sujeitos autônomos e capazes de participar ativamente na definição das condições de seu trabalho.

A principal divergência entre o positivismo e a Escola de Frankfurt reside na concepção do papel da ciência e do conhecimento na sociedade, pois é possível identificar que “a querela entre os modelos epistemológicos do positivismo e da dialética nas ciências sociais mostrou que, para além do que foi brevemente apresentado até aqui, abriu espaço para outra discussão em torno da relação entre teoria e prática” (Ramos, 2017, p. 83). Enquanto o positivismo busca um conhecimento objetivo e neutro, visando a previsibilidade e o controle dos fenômenos sociais, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt defende um conhecimento reflexivo e emancipatório, que reconhece a importância das dimensões subjetivas e históricas da vida social. A crítica ao positivismo feita pela Escola de Frankfurt aponta para a necessidade de uma ciência que não só explique o mundo, mas também o transforme, promovendo a emancipação e a justiça social.

A TC surge em contraponto ao positivismo, uma corrente filosófica que surgiu no século XIX com Auguste Comte, fundamentando-se (Horkheimer, 1980) na ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, utilizando como base princípios como a observação empírica, a experimentação e a busca por leis universais que governam os fenômenos sociais, de modo similar às leis naturais. O positivismo adota uma abordagem quantitativa, objetivista e valoriza a neutralidade e a objetividade do pesquisador, afastando-se de qualquer influência subjetiva ou valorativa na pesquisa científica. Entretanto, a Escola de Frankfurt surge formando a TC justamente com objetivo de criticar fortemente o positivismo, considerando-o reducionista e inadequado para compreender as complexidades da sociedade humana, e “a transformação que a teoria crítica tenta realizar não é das que vão se impondo aos poucos de modo a ter um sucesso que, apesar de vagaroso, seja constante” (Horkheimer, 1937, p. 138). Os teóricos críticos argumentam que o positivismo ignora as dimensões subjetivas e normativas da vida social, tratando os indivíduos como objetos passivos ao invés de sujeitos ativos capazes de transformação, propondo uma abordagem dialética e interdisciplinar que visa a emancipação dos indivíduos e a transformação das estruturas sociais opressivas.

Os princípios do positivismo defendem que a ciência deve ser neutra e objetiva, evitando qualquer influência de valores ou crenças pessoais, com base em observações empíricas e dados quantificáveis para formular hipóteses e testar teorias através do método científico, e seu objetivo é descobrir leis universais que sejam testadas de modo empírico e que consigam prever e explicar os fenômenos sociais, porém “a teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida (Horkheimer, 1980, p. 155). Em sentido contrário, TC tem como objetivo ressaltar a importância de uma

postura crítica e reflexiva em relação às estruturas sociais e aos processos de produção de conhecimento, buscando a emancipação dos indivíduos, libertando-os das formas de dominação e alienação, utilizando uma abordagem interdisciplinar e analisando a sociedade como um todo, identificando e explorando as contradições internas que podem levar à mudança social, reconhecendo a importância das dimensões subjetivas e normativas da vida social, compreendendo que o conhecimento científico não pode ser completamente neutro ou objetivo.

Os contrapontos existentes entre o positivismo e a Escola de Frankfurt são passíveis de investigação e análise, pois o positivismo enfatiza a objetividade e a neutralidade científica, acreditando que o pesquisador pode e deve separar-se emocional e criticamente do objeto de estudo, adotando uma visão determinista, buscando leis universais que governam o comportamento humano, similar às leis da física, enquanto a Escola de Frankfurt argumenta que todo conhecimento é influenciado por contextos históricos e sociais, e que a subjetividade é uma parte essencial da compreensão das dinâmicas sociais. A crítica ao positivismo reside na sua incapacidade de reconhecer que o cientista é também um sujeito social inserido em uma determinada realidade, partindo de uma abordagem dialética, que considera a realidade social como um processo dinâmico e contraditório, sujeito a mudanças e transformações impulsionadas pela ação humana.

CONCLUSÃO

A teoria crítica frankfurtiana foi um marco para os estudos críticos em gestão, adotando uma visão diferente das visões funcionalistas e positivistas da época, fazendo com que as organizações começassem a ser entendidas como construções sociais a serem problematizadas em seu sistema, seus interesses, suas contradições. A Teoria Crítica e a Escola de Frankfurt contribuíram significativamente para o desenvolvimento do pensamento crítico e social, fornecendo ferramentas analíticas para a compreensão das dinâmicas de poder e dominação na sociedade contemporânea. Suas teorias continuam a influenciar diversos campos do conhecimento, desde os estudos organizacionais até as ciências sociais e humanas, promovendo a emancipação e a transformação social através da crítica e da reflexão. Através da análise das estruturas de poder e da busca por uma sociedade mais justa e racional, a TC oferece um legado duradouro que continua a ser relevante na abordagem dos desafios contemporâneos.

Ao expor quais os aspectos foram influenciados e quais objetivos da escola de Frankfurt foram atingidos, e de que forma a teoria crítica contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e social, é possível relacionar com a sociedade contemporânea e como a razão instrumental continua sendo utilizada para estabelecer as relações de subordinação e poder das organizações sobre os indivíduos, com as ações sociais se sobrepondo ao particular visando o universal, e os estudos críticos se fazem importantes para analisar e identificar os pontos onde essa relação ontológica com as estruturas interferem na vida humana.

A crítica ao positivismo se encontra em diversas categorias. Em primeiro lugar, podemos citar a tentativa de levar seu método totalmente objetivo de pesquisa nas ciências naturais para as ciências sociais que possui por característica principal a diversidade e a subjetividade. Em seguida, podemos citar a neutralidade científica e o pressuposto de separação entre pesquisador e objeto, que não leva em consideração que houve um motivo de aproximação e escolha por parte do pesquisador por aquele objeto, e que ele está em um local no mundo, permeado por várias outras coisas materiais e não materiais, e que isola-lo não traz uma real visão sobre o objeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. Textos escolhidos: Os Pensadores. Tradução: José Lino Grünnewald. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- CALÁS, M.; SMIRCICH, L. Engendering the Organizational: Feminist Theorizing and Organization Studies. In: ADLER, P.; DU GAY, P.; MORGAN, G; REED, M. The Oxford Handbook of Sociology, Social Theory, and Organization Studies: Contemporary Currents. Oxford, 2014.
- CROTTY, M. Positivism: the march of science. In: CROTTY, M. The Foundations of Social Research: Meaning and Perspective in the Research Process. London: SAGE Publications, 1998.
- DUPEYRIX, A. Compreender Habermas. São Paulo. Edições Loyola, 2009.
- FARIA, J. H. de. OS FUNDAMENTOS DA TEORIA CRÍTICA: uma introdução In: FARIA, J. H. de (org). São Paulo: Atlas, 2007.
- FARIA, J. H. de. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. Cadernos EBAPE.BR vol.7 no.3, Rio de Janeiro, Sept, 2009.
- GRANTER, E. Critical Theory and Organization Studies. In: ADLER, P.; DU GAY, P.; MORGAN, G; REED, M. The Oxford Handbook of Sociology, Social Theory, and Organization Studies: Contemporary Currents. Oxford, 2014.
- LARA, L. G. A. de; VIZEU, F. O potencial da frankfurtianidade de Habermas em estudos organizacionais. Universidade Positivo/Programa de Mestrado e Doutorado em Administração, Curitiba-PR, Brasil, Cad. EBAPE.BR, v. 17, no 1, Rio de Janeiro, Jan/Mar. 2019.
- NOBRE, M. A teoria crítica. Rio de Janeiro: JZE, 2004.
- RAMOS, R. de A. Contribuições de Jürgen Habermas para o debate epistemológico iniciado por Karl Popper e Theodor Adorno. Civitas, Porto Alegre, v. 17, n. 2, e79-e97, maio-ago. 2017.
- SCHERER, A. Critical Theory and its Contribution to Critical Management Studies. In: ALVESSON, M.; BRIDGMAN, T.; WILLMOTT, H. The Oxford Handbook of Critical Management Studies. Oxford University Press, 2009.